

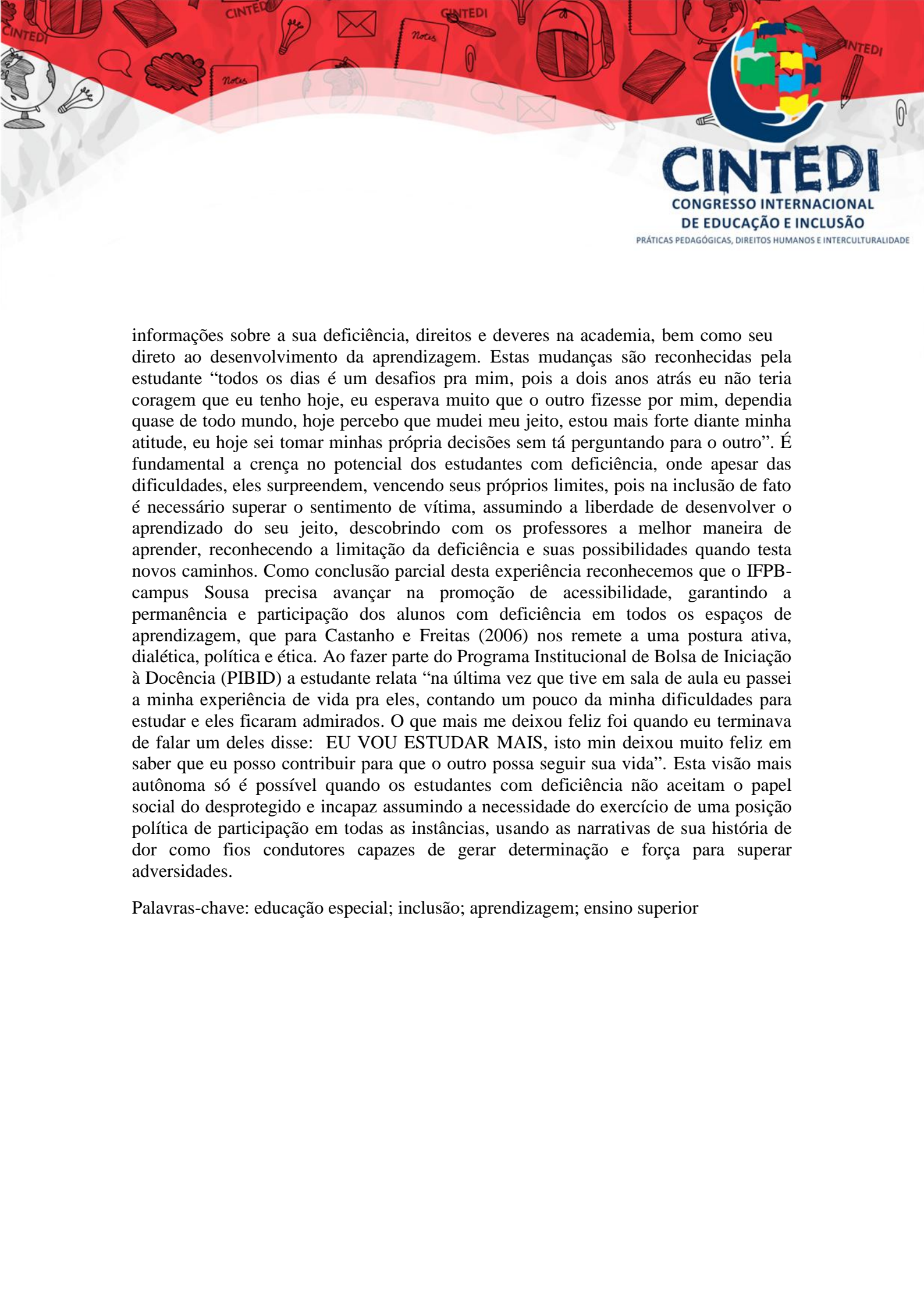
## **PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR: EM QUE MEDIDA SE INCLUI?**

Maria Aparecida Damião de Sousa, estudante do Curso de Licenciatura em Química do IFPB- Campus Sousa, e-mail; aparecidads2011@hotmail.com

Hanniman Denizard Cosme Barbosa, professor orientador do IFPB- Campus Sousa, e-mail: denizard\_jpa@hotmail.com

Maria Aparecida Alves Sobreira Carvalho, professora do IFPB- Campus Sousa, e-mail: apsobreira1@hotmail.com

O objetivo deste trabalho é analisar a vivência de uma estudante com deficiência no ensino superior com o foco no desenvolvimento do processo de ensino- aprendizagem, na busca de compreender as contradições de sua inclusão na escola. Para Honnefl e Costas (2012) e Michelis (2011) a educação inclusiva tem se transformado em uma realidade no plano das leis, mas permanecem várias resistências à sua efetivação nas práticas e projetos institucionais. Como metodologia foram utilizadas as narrativas da primeira autora, aluna com paralisia cerebral que cursa licenciatura em Química, bem como as reflexões surgidas no desenvolvimento de seu acompanhamento pelo Núcleo de Atendimento às Pessoas com necessidades Especiais (NAPNE) do IFPB- Campus Sousa. A aluna entrou no curso superior pelo sistema de cotas, passando dois anos sem acompanhamento específico, sem reprovação e ao mesmo tempo sem desenvolvimento da aprendizagem, imersa em relações de apiedamento ou invisibilidade. Para Oliveira (2013) é necessário desenvolver fatores de acessibilidade nas relações pedagógicas e sociais capaz de gerar permanência e desenvolvimento desses cotistas na cultura universitária. São ações institucionais que devem superar a concepção da deficiência como um problema individual, buscando uma falsa igualdade que mascara a inclusão perversa que aprova o estudante sem desenvolver a aprendizagem. No IFPB-Campus Sousa a inclusão teve início quando a deficiência da aluna ganhou visibilidade, sendo organizadas ações sistemáticas de acompanhamento gerenciadas por um professor orientador em acordos firmados entre a estudante, sua família e alguns professores do curso de Licenciatura em Química. Dentre estas ações podemos considerar a mudança de residência da estudante para a cidade onde o curso está instalado, passando a dividir apartamento com pares, desenvolvendo a capacidade de lidar com conflitos e administrar a independência emocional; acompanhamento sistemático no contraturno, fora da sala de aula regular, com o professor orientador para identificar suas necessidades pedagógicas, desenvolver avaliações adaptadas, favorecer o acesso às



informações sobre a sua deficiência, direitos e deveres na academia, bem como seu direito ao desenvolvimento da aprendizagem. Estas mudanças são reconhecidas pela estudante “todos os dias é um desafios pra mim, pois a dois anos atrás eu não teria coragem que eu tenho hoje, eu esperava muito que o outro fizesse por mim, dependia quase de todo mundo, hoje percebo que mudei meu jeito, estou mais forte diante minha atitude, eu hoje sei tomar minhas própria decisões sem tá perguntando para o outro”. É fundamental a crença no potencial dos estudantes com deficiência, onde apesar das dificuldades, eles surpreendem, vencendo seus próprios limites, pois na inclusão de fato é necessário superar o sentimento de vítima, assumindo a liberdade de desenvolver o aprendizado do seu jeito, descobrindo com os professores a melhor maneira de aprender, reconhecendo a limitação da deficiência e suas possibilidades quando testa novos caminhos. Como conclusão parcial desta experiência reconhecemos que o IFPB-campus Sousa precisa avançar na promoção de acessibilidade, garantindo a permanência e participação dos alunos com deficiência em todos os espaços de aprendizagem, que para Castanho e Freitas (2006) nos remete a uma postura ativa, dialética, política e ética. Ao fazer parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) a estudante relata “na última vez que tive em sala de aula eu passei a minha experiência de vida pra eles, contando um pouco da minha dificuldades para estudar e eles ficaram admirados. O que mais me deixou feliz foi quando eu terminava de falar um deles disse: EU VOU ESTUDAR MAIS, isto min deixou muito feliz em saber que eu posso contribuir para que o outro possa seguir sua vida”. Esta visão mais autônoma só é possível quando os estudantes com deficiência não aceitam o papel social do desprotegido e incapaz assumindo a necessidade do exercício de uma posição política de participação em todas as instâncias, usando as narrativas de sua história de dor como fios condutores capazes de gerar determinação e força para superar adversidades.

Palavras-chave: educação especial; inclusão; aprendizagem; ensino superior